



Tecnologia para a arte ou arte para a tecnologia?

por Keyla Barros

São Paulo Companhia de Dança em 2020:

tecnologia para a arte ou arte para a tecnologia?

Keyla Barros

publicado em 28/01/2021

“Descobrir mil maneiras de dançar”. A frase me foi dita em uma entrevista, em 2017, pela diretora da São Paulo Companhia de Dança (SPCD), Inês Bogéa, mas, em meio ao isolamento social imposto pela pandemia, não poderia ser mais atual. Se a ausência de espetáculos de dança nos palcos dos teatros foi muito sentida em 2020, pelos bailarinos e plateia aficionada, por outro lado é inegável o alcance e possibilidades que a “descoberta”, por artistas e produtores, das transmissões online, e de uma gama de recursos atrelados a elas, proporcionou para a arte.

Acredito que, além do talento e dedicação de toda a equipe da SPCD, um dos fatores de sucesso para a Companhia em 2020 foi perceber que seus 13 anos de experiência foram importantes para aquele momento e que atuar durante o isolamento social era mais do que transpor um espetáculo do palco para as câmeras. Que para atender um público confinado em casa e carente de arte e entretenimento, uma obra audiovisual precisava ser mais

que uma videodança. Usar a tecnologia para levar a arte foi um desafio, mas ainda mais desafiador foi criar arte para a tecnologia.

Como mera voyeur de arte, no vício inconsciente de minha mente, habituada a ver a dança nos palcos, ao assistir a produção audiovisual da SPCD em 2020, por vários momentos me peguei pensando: “imagina esta obra no palco, ao vivo”. Mas logo ficava evidente que a sensação de prazer daquela obra específica estava naquele formato, no ângulo da câmera cuidadosamente escolhido, na nota musical combinada àquela iluminação e fusão de movimentos proposta.

Neste sentido, destaco a obra Amálgama, projeto que uniu a SPCD, o Museu de Arte Contemporânea da USP (MAC USP) e o Quarteto da Osesp (Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo). No vídeo, bailarinos, esculturas, pinturas, músicos e seus instrumentos emergem entre a arquitetura de colunas e paredes internas, retas e brancas, do museu e, literalmente, ocupam o espaço com arte. Até aí, seria apenas mais um vídeo “bonito”, não fossem as nuances de cada forma de arte ressaltadas pelo olhar dos curadores, coreógrafo e direção, e transpostas na filmagem e edição. O resultado é uma experiência única para o telespectador que tem seu olhar conduzido ao conceito proposto sem perder a grande beleza da arte de proporcionar diferentes sensações em cada pessoa.

Contudo, o sucesso das obras audiovisuais propostas pela Companhia não supriu a carência pelos espetáculos “tradicionais” apresentados nos teatros. Aí, entrou a tecnologia para a dança. Em transmissões ao vivo, do palco do Teatro Sérgio Cardoso, a SPCD não apenas aplacou um pouco da saudade de seus fãs cativos, mas teve a oportunidade de alcançar um público muito mais abrangente em todo o país e no exterior.

A pandemia de Covid-19 deixou consequências devastadoras, porém, diante do inevitável e fora de nosso controle, o isolamento

social foi uma oficina criativa e inovadora para aqueles que conseguiram não apenas se adaptar, mas se reinventar, coisa que a São Paulo Companhia de Dança fez com maestria.

KEYLA BARROS é jornalista formada pela Universidade Tuiuti do Paraná, atuando na área desde 1997 como repórter, redatora e assessora de comunicação. Trabalhou em publicações segmentadas na área de entretenimento e cultura em Curitiba/PR, Maringá/PR e São Paulo. Em 2010, lançou o portal Dança em Pauta com a proposta de empregar seu conhecimento em comunicação para divulgar a dança. É coautora do livro 200 anos de Dança de Salão no Brasil – Volume 4 (2012), organizado pelo pesquisador Marco Antonio Perna.

Para citar este texto como fonte de pesquisa utilize o modelo abaixo:
BARROS, Keyla. In: São Paulo Companhia de Dança em 2020: tecnologia para a arte ou arte para a tecnologia?. São Paulo: São Paulo Companhia de Dança, 2021. Disponível em: <<http://www.spcd.com.br/memoria/olhares>>. Acessado em (DIA/MÊS/ANO).